

PEDAGÓGICAS | PEDAGOGICAL

**MIRIAM PILLAR GROSSI**  
**Uma antropóloga feminista educadora**



Miriam Pillar Grossi: an educator feminist anthropologist

Amurabi Oliveira  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Sociologia e Ciência Política | Florianópolis, Brasil  
amurabi\_cs@hotmail.com | ORCID iD: 0000-0002-7856-1196

Alinne de Lima Bonetti  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Antropologia | Florianópolis, Brasil  
alinne.bonetti@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-0810-5926



**Resumo**

Miriam Pillar Grossi, nasceu em Porto Alegre (RS) em 1958, oriunda de uma família de professores, graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e possui mestrado e doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Paris V; atualmente é professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora nível 1 do CNPq. Nesse artigo apresentamos sua trajetória como uma antropóloga feminista educadora, bem como seu legado como professora de Antropologia não apenas através da docência no Ensino Superior, assim como por meio do Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades. Enfatizamos ainda os depoimentos de suas alunas, através dos quais buscaremos captar o impacto educacional da professora Miriam Pillar Grossi.

**Palavras-chave**

ensino de antropologia; feminismos; prática pedagógica.

**Abstract**

Miriam Pillar Grossi was born in Porto Alegre (RS) in 1958, from a family of teachers, graduated in Social Sciences from the Federal University of Rio Grande do Sul, and holds a master's and doctorate in Social and Cultural Anthropology from the University of Paris V; she is currently a full professor at the Federal University of Santa Catarina and a level 1 researcher at CNPq. In this article, we present her trajectory as a feminist anthropologist educator, as well as her legacy as a professor of Anthropology, not only through teaching in Higher Education, but also through the Nucleus of Gender Identity and Subjectivities. We also emphasize the testimonies of her students, through which we will seek to capture the educational impact of professor Miriam Pillar Grossi.

**Keywords**

teaching anthropology; feminisms; pedagogical practice.

**A** professora Miriam Pillar Grossi é uma das antropólogas mais reconhecidas em seu campo de atuação especialmente como uma das pioneiras da Antropologia feminista brasileira, e para além disso, ela é bastante conhecida entre seus estudantes pela dedicação à docência, e pela forma inventiva que ela se dedica ao ensino da Antropologia. Como colegas de trabalho de Miriam podemos atestar como sua presença é impactante na universidade, e o quanto que sua prática pedagógica repercute entre nossas alunas na Universidade Federal de Santa Catarina.

Em entrevista concedida em 2017, ao ser indagada sobre quem era Miriam Pillar Grossi ela elaborou a seguinte resposta:

Ah, que pregunta tan difícil. Bueno una antropóloga feminista, lesbiana que se interesa por la educación, la sexualidad, el género, la ciencia, y la violencia. Que a nivel académico soy profesora titular del departamento de Antropología de la Universidad Federal de Santa Catarina, imparto clase en los cursos de pregrado de Ciencias Sociales y Antropología en el posgrado de Antropología y Ciencias Humanas. (PONCE, 2017, p. 120).

Esta definição já nos dá algumas pistas sobre a trajetória da professora Miriam, uma vez que sua vida acadêmica e de militância feminista são indissociáveis. Em outra entrevista ela novamente faz menção a como que a militância sempre esteve presente em sua vida:

Eu já era uma militante, desde a adolescência, destes movimentos sociais de resistência à ditadura, e quando fui para a França no final dos anos 1970 é que encontrei o feminismo, que, claro, deu sentido a muitas coisas que eu pensava e fazia sem o título de feminista. (FERREIRA, REA, 2012, p. 7).

Portanto, nos voltamos aqui para uma professora que construiu sua biografia como antropóloga assentada no rigor acadêmico e no engajamento político, e sua prática pedagógica no ensino de Antropologia reflete, justamente, essa dupla face.

Tivemos o prazer de organizar o dossiê sobre a professora Miriam para o Prêmio da Associação Brasileira de Antropologia de “Excelência no Ensino de Antropologia no Brasil”. Esse exercício é ao mesmo tempo bastante prazeroso, mas também desafiador, uma vez que se trata de olhar cuidadosamente para a biografia de outrem, destacando elementos que consideramos relevantes em sua trajetória no campo do ensino de Antropologia.

Para uma melhor compreensão das leitoras de nosso texto, primeiramente traremos uma apresentação da trajetória acadêmica-docente da professora Miriam e, depois, apresentaremos nossa homenagem pelas lentes de suas alunas.

### **Miriam Pillar Grossi, professora de Antropologia**

Miriam Pillar Grossi é professora titular de Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora nível 1A do CNPq, membra da diretoria da SBPC (gestão 2021-2023) e do Conselho Deliberativo (CD) do CNPq como representante da comunidade científica (27.08.2020 a 26.08.2022). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestrado e doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Paris V, com estágios pós-doutorais no *Laboratoire d'Anthropologie Sociale* do *Collège de France, University of California-Berkeley* (2009 e 2012) e Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais.

A relação da professora Miriam com o ensino remete a sua própria trajetória familiar, uma vez que tanto seu pai quanto sua mãe eram docentes. Seu pai, Sérgio, foi professor da Faculdade de Medicina da atual Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), ao passo que sua mãe, Esther Pillar Grossi, é uma renomada educadora, tendo sido uma das fundadoras na década de 1970 do GEEMPA (Grupo de Estudos Sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação). Segundo seu próprio depoimento:

Eu nasci em Porto Alegre, em 58. Meus pais já tinham se conhecido no movimento estudantil católico, na JUC. Meu pai é médico pediatra, minha mãe é matemática, trabalhou sua vida inteira no campo da educação, e então eu fui criada... Nasci em 58, num momento, ainda, onde a questão política era muito forte na minha família, nos amigos dos meus pais, então eu vivi já nesse ambiente de militância, mas uma militância ligada à engajamento; com alfabetização - eu lembro, desde pequena, de acompanhar minha mãe, à noite, num bairro operário, para alfabetização no método Paulo Freire. Então foi esse, digamos, o ambiente no qual eu fui criada. Sempre um ambiente mais intelectual. Estudei em alguns colégios em Porto Alegre; um deles, na escola primária, que era o Colégio João XXIII, também, na época, um colégio criado por pais que queriam uma educação diferente para os seus filhos. Depois, esse colégio, que existe até hoje, se transformou muito mais num

colégio de elite e menos, digamos, na proposta que era inicialmente, onde eu estudei no primário. Quando eu tinha dez anos, fui com meus pais para Paris. Eles foram estudar, na época, com uma bolsa do governo francês, cada um na sua especialidade, e eu tive a minha primeira experiência, então, numa escola francesa. (GROSSI, 2014, p. 1).

Assim sendo, sua inserção no campo do ensino parece refletir em grande medida esse estimulante ambiente familiar do qual ela proveio. Ademais, seu contato com a cultura escolar/acadêmica francesa também marcou seu processo formativo, tendo regressado a França para realizar seus cursos de mestrado e doutorado.

Suas múltiplas paixões intelectuais e culturais a levaram a cursar Ciências Sociais e Teatro em paralelo na UFRGS, ainda que não tenha concluído esse último curso. Nesta instituição, conheceu a professora Claudia Fonseca, que a marcou profundamente durante seu processo formativo. Foi ainda durante sua formação na UFRGS que ela entrou em contato pela primeira vez com a antropologia da UFSC, instituição na qual ela se tornaria professora no futuro.

Meu primeiro contato com a Antropologia da UFSC ocorreu em meu primeiro semestre no curso de graduação em Ciências Sociais na UFRGS, quando escutei pela primeira vez o Professor Silvio Coelho dos Santos falar em um evento se que tornou histórico para a questão indígena no Brasil - *Índio, um sobrevivente* -, ocorrido em 1977, no auditório da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. (GROSSI, 2015, p. 4).

Após sua graduação em Ciências Sociais, Miriam seguiu para a França com bolsa do governo francês (Ministère Des Affaires Etrangères) para realizar seus cursos de mestrado e doutorado, tendo concluído em 1983 a dissertação “La violence contre les femmes dans le mariage au Brésil”<sup>1</sup>, e em 1988 a tese

---

1 Apesar de constar em seu CV lattes como título de seu mestrado “La violence contre les femmes dans le mariage au Brésil - Crêpes, fars et galettes: une approche de la cuisine bretonne”, tratam-se de dois trabalhos distintos. Como ela mesmo esclarece: “. Quando eu cheguei lá, eu não tinha feito o mestrado no Brasil - estava saindo da graduação - e aí na Université de Paris V, nas validações de diploma, me mandaram para a Licence, que era Licence-Maitrise, uma composição de certificats, grupo de disciplinas que te formavam em uma determinada área da Antropologia (...). Aí eu cheguei na França, tive que fazer esse ano que era da Licence-Maitrise, fiz um mémoire, porque tinha que fazer um trabalho. (...) Aí, lá eu fiz essa pesquisa que foi o meu certificat

“Représentations sur les femmes battues - la violence contre les femmes au Rio Grande do Sul”, ambas defendidas na Universidade de Paris V, supervisionadas por Louis Vincent Thomas (1922-1994). A temática de gênero será o grande fio condutor presente em sua agenda de pesquisa, refletindo sua própria militância no movimento feminista, não à toa, sua ideia inicial era ser orientada por uma antropóloga:

Ao entrar no mestrado na Sorbonne - Universidade de Paris V -, desejava uma mulher como orientadora, pois nessa altura de minha vida, marcada por minha militância feminista, pensava que a identidade de gênero era essencial para um trabalho sobre feminismo e violência contra as mulheres - tema de minha tese de doutorado. Na época, 1982, não havia nenhuma mulher habilitada oficialmente para assumir orientação no departamento de antropologia da Sorbonne. Hoje, felizmente, as coisas já são diferentes na França. (GROSSI, 2004, p. 221).

Sua atuação como docente iniciou-se no final da década de 1980, quando se tornou professora do curso de Ciências Sociais da Fundação Universidade de Blumenau (FURB), tendo sido posteriormente contratada como recém-doutora com bolsa do CNPq junto ao Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social (PPGAS) desta instituição, ainda que também tenha atuado na graduação neste momento. Em 1991, tornou-se professora Adjunta no departamento de Ciências Sociais da UFSC, tendo integrado a partir de 1995 o recém fundado departamento de Antropologia, onde futuramente também colaboraria com a criação de um dos primeiros cursos de graduação em Antropologia no Brasil. No mesmo ano de 1991 ela fundou o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), importante espaço de pesquisa e de formação acadêmica no âmbito da Antropologia e dos Estudos de Gênero.

Além de atuar como docente na UFSC, também foi professora visitante em diferentes Universidades brasileiras (UnB, UFBA, UFRN, UFG, UFAM) e estrangeiras (*Universidad de Chile, Universidad de Cuenca, ISCTE, EHESS, Université de Toulouse Le Mirail, Université René Diderot, Universidad Pablo Olavides, Universidad Del País Vasco*). Vale a pena destacar o

---

d’ethnolinguistique, sobre alimentação na Bretagne (...) Mas como eu tinha uma bolsa para fazer doutorado, aceitaram minha inscrição dupla e eu fiz, junto com a maitrise, o DEA [Diplôme d’Etudes Approfondies], fiz dois anos em um, e como eu estava fazendo o DEA, fiz um mémoire já sobre violência contra as mulheres no Brasil. (FERREIRA, REA, 2012, p. 7-8).

período em que ocupou a cátedra Ruth Cardoso junto à Universidade de Columbia, e mais recentemente professora visitante no Instituto de Altos Estudos da América Latina em Paris. Pode-se afirmar que Miriam Grossi acumulou ao longo dos anos uma ampla experiência de docente em diferentes contextos acadêmicos, o que também refletiu em sua prática pedagógica no Brasil, ao possibilitar a incorporação de distintas formas de ensinar e aprender Antropologia em suas aulas.

Ainda na UFSC, Miriam Pillar Grossi coordenou e integrou projetos relevantes nos quais articulava o debate sobre educação, ensino e gênero no âmbito da Antropologia. Dentre esses projetos valeria a pena destacar ao menos dois: a) o curso de Gênero e Diversidade na Escola (GDE), voltado para a formação continuada de professores da Educação Básica, que contava com financiamento do Ministério da Educação, experiência sobre a qual ela teve oportunidade de publicar alguns trabalhos (RAMOS, GROSSI, 2020; LOSANO, GROSSI, 2020; WELTER, GROSSI, GRAUPE, 2017; GROSSI, GRAUPE, 2014); b) o curso de extensão “Papo sério”, com atuação em escolas públicas da rede de ensino, objetivando problematizar as representações de gênero e sexualidade com jovens alunos e alunas de escolas públicas de Florianópolis. Nestas duas experiências Miriam Pillar Grossi conseguiu transpor o ensino de Antropologia para além da academia, voltando-se para novos públicos, tornando a Antropologia uma ciência pública através da prática pedagógica e da pesquisa.

Seu compromisso com o ensino de Antropologia também se fez presente nos espaços nos quais atuou institucionalmente. Entre 2004 e 2006 foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), tendo sido responsável pela fundação da Comissão de Ensino de Antropologia, posteriormente transformada em Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia, a qual integrou entre 2010 e 2012. Resulta também desse movimento a organização da coletânea - juntamente com as professoras Antonella Tassinari e Carmen Rial - “Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras”. Apesar de podermos afirmar que as discussões sobre ensino sempre se fizeram presente na ABA (OLIVEIRA, 2021), a fundação desta comissão durante sua gestão é um marco significativo para o reordenamento desta discussão no Brasil.

Também vale a pena destacar sua atuação recente na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) entre 2019 e 2020, tendo promovido pela

primeira vez um encontro de coordenadores de cursos de graduação neste evento, o que mais uma vez reflete seu compromisso político e institucional com o ensino de Ciências Sociais.

Esse seu forte compromisso com a formação de estudantes pode ser verificado ao olharmos para o enorme número de cursos lecionados ao longo de décadas de docência, das quase 60 orientações concluídas na pós-graduação (28 de mestrado e 30 de doutorado), 38 trabalhos de conclusão de curso, 62 bolsistas de iniciação científica, 26 supervisões de pesquisas de pós-doutorado. Esse espantoso número de trabalhos orientados demonstra sua forte inserção na graduação e na pós-graduação, disseminando o ensino e a formação em Antropologia não apenas em espaços disciplinares como o PPGAS, como também em espaços interdisciplinares como no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH).

Ademais, dessas atividades que demonstram sua inserção institucional no âmbito do ensino de Antropologia, Miriam Pillar Grossi também desenvolveu uma profícua reflexão teórica sobre o tema. Um de seus textos mais emblemáticos sobre o tema intitula-se “A dor da tese” (GROSSI, 2004), no qual reflete sobre o processo de sofrimento, a luta contra os prazos que existem na pós-graduação, propondo um exercício sensível de escuta e troca neste processo formativo. Como já mencionado, organizou uma das principais coletâneas sobre o tema já publicada no Brasil, além de inúmeros capítulos de livros e apresentações de trabalhos em eventos.

Devido a todos os elementos apresentados, Miriam Pillar Grossi é considerada um dos principais nomes da Antropologia Brasileira, com forte inserção e reconhecimento internacional; mais que isso, ela desempenhou e desempenha um papel fundamental na discussão sobre ensino de Antropologia no Brasil, através de sua atuação institucional, e principalmente como professora e orientadora de Antropologia em distintos espaços.

### **O legado pedagógico antropológico feminista de Miriam Pillar Grossi**

Como referido acima, em 1991, quando se tornou professora-adjunta na UFSC, Miriam fundou o Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS), que ao longo de mais de 30 anos tem sido lócus de inovação e de transmissão



pedagógica antropológica feminista voltada para a formação de estudantes nas suas mais distintas possibilidades de atuação. É neste espaço coletivo de ensinagens (ANASTASIOU, 2012) e aprendizagens, marcadas pela imaginação e criatividade feministas e pela interdisciplinariedade, que as estudantes aprendem o ofício antropológico na prática, exercitando a docência, a pesquisa, a extensão, a orientação, a gestão, a articulação de redes científicas e o ativismo.

Partindo do pressuposto de que não se aprende solitariamente e tampouco em uma relação diádica exclusiva - como na de orientadora/orientanda -, no NIGS, as aprendizagens se processam no coletivo, em diferentes formatos. A intencionalidade por trás é a de mobilização dos afetos, matéria-prima dos processos pedagógicos, por meio de diferentes didáticas: seja pela associação do lúdico na produção de artefatos como jogos, ou uso criativo das cartas de Tarô; pelo uso de recursos artístico-culturais, como teatro, cinema e exposições - a exemplo do Concurso de Cartazes do Projeto Papo Sério (Grossi, Welter; Bonetti, 2021); pela comensalidade - importante prática feminista de congregação em torno da partilha da alimentação, como piqueniques, mesas partilhadas e experimentação de receitas inusitadas; pela prática coletiva de autocuidado, como oficinas de meditação associada a técnicas de ioga, dança de diferentes matrizes culturais. (BONETTI, 2022 p. 288-289)

O coletivismo e o estímulo à elaboração das experiências de afetação, proporcionada pelos encontros intersubjetivos próprios dos processos pedagógicos, sintetizam as principais características do fazer pedagógico criado por Miriam Pillar Grossi, que ganha vida no NIGS. Tais características são recorrentemente referidas pelas pessoas que passaram pelas mãos da educadora. Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa, docente da Universidade Federal de Sergipe, orientada por Miriam no doutorado do PPGICH em 2012, destaca que

desde então, aprendo com os seus ensinamentos e compartilho os mesmos em minha prática docente, sobretudo, no que se refere à importância da realização do trabalho coletivo em todas as ações de ensino. (...) Com ela continuo a aprender cotidianamente a importância de trabalhar a prática pedagógica sempre associando à reflexão em torno da diversidade com produção de conhecimento que impacte o ensino, em todas as suas modalidades.

A preocupação pedagógica na formação de estudantes nos seus diferentes níveis de estudo e o estímulo constante ao corpo discente são também destacados pelas suas orientadas. Rozeli Porto, professora do Departamento de Antropologia da UFRN, foi aluna de Miriam na graduação em Ciências Sociais/UFSC, mestrado e doutorado em Antropologia Social no PPGAS/UFSC e orientada por ela em ambos os cursos, e relembra tais estímulos na sua experiência:

Miriam oportunizou meu ingresso no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) como bolsista de Iniciação Científica. Reiniciei a licenciatura, e ao mesmo tempo passei a realizar disciplinas no curso de Pós-Graduação em Antropologia como aluna especial. Nesta fase, além de dar continuidade ao meu aprendizado acadêmico, tive o privilégio de aperfeiçoar-me como pesquisadora e simultaneamente produzir pequenas reflexões e compartilhá-las com outros/as pesquisadores/as, professores/as e alunos/as nos mais distintos graus de formação no espaço de reuniões, estudos e debates promovidos por Miriam no NIGS. Dei continuidade aos meus estudos em gênero agora com enfoque para as questões das violências afetivo/conjugais. Conforme planejava, ingressei no Mestrado em Antropologia Social desta mesma Universidade no ano 2000 e defendi minha dissertação em outubro/2002. O período relativo à finalização do mestrado (2002) e ao início/finalização do doutorado (2005/2009) foi crucial para minha formação profissional a partir do NIGS sob orientação de Miriam. Tive oportunidades de trabalho e realizei diversas atividades as quais contribuíram imensamente para meu aprendizado e aperfeiçoamento. Tal empreitada solidificou minha constituição como pesquisadora a partir da junção entre teoria e trabalho de campo, assim como tive incentivo à produção intelectual, à participação e organização de congressos e seminários e a possibilidade de contato com diferentes temas e universos de pesquisa.

Tais elementos também estão presentes nas memórias de Flávio Tarnowski, professor de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso, que foi seu aluno e orientando no mestrado em antropologia Social/UFSC. Segundo ele:

Durante minha formação, tive o privilégio de ser aluno da Profa. Miriam na disciplina de “Gênero e Sexualidade”, além de ter realizado estágio de docência sob sua supervisão na disciplina de “Masculinidades”, no curso de Ciências Sociais, juntamente com minha colega de mestrado Juliana Cavilha. Os ensinamentos da Profa. Miriam sobre didática, preparação de aulas, relação com estudantes e dinâmicas de aprendizagem me

formaram como docente do ensino superior. Aprendi com ela a ensinar antropologia, relações de gênero e sexualidade para estudantes dos mais diferentes níveis, com uma preocupação com o diálogo, as diferentes subjetividades e a ética.

O compromisso da antropóloga feminista e educadora Miriam Pillar Grossi com as práticas pedagógicas e o ensino de Antropologia permeados pelo estímulo das emoções e afetos a serem transformados em conhecimento é o foco da memória de aprendizagem de Marinês da Rosa, professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que foi sua aluna e orientanda no doutorado do PPGICH/UFSC:

Apresento duas *cenas* na prática de ensino superior que acredito expressarem uma das faces da professora, como educadora no sentido freiriano. A primeira, corresponde ao *cuidado pedagógico* marcado pela relação de *reciprocidade* incentivada desde os primeiros contatos. Ocorre que desde o Núcleo de Gênero Identidade e Subjetividades - NIGS/UFSC, onde vivenciam-se práticas de pesquisa e extensão, permeadas e sustentadas pelo ensino teórico, o estágio docente, a orientação e a sala de aula, constituem um ateliê de aprendizagens com vistas ao contínuo exercício de *saber-fazer* no coletivo. Recordo de uma aula na disciplina de metodologia, no curso de graduação em Ciências Sociais, quando a mestra criou um cenário para instigar a prática de observação participante. Até hoje sinto a emoção daquele momento em que percebi a harmonia entre a teoria e prática emergindo de uma sala de aula, pois havia encantamento e uma energia amorosa no prazer com a arte de ensinar. Esta é uma das características da professora Miriam. A segunda cena emblemática foi presenciar a orientadora no campo de pesquisa comigo durante o doutorado. Nesse sentido compreendi o *sentido da ação*, nos termos Weberianos, constitutiva entre interlocutoras na pesquisa e, sobretudo, na relação orientadora e orientanda. Dessa experiência, fundamentada em aportes de metodologias feministas, cunhamos a categoria *escuta sentida*, entendida como a disposição para acionar os sentidos na *interação* com a(s) outra(s) e, ao mesmo tempo, reconhecer-se nesse processo. Parece-me que esse é um legado da professora Miriam no ensino superior, uma vez que ela se dedica, por meio do ensino, ao despertar a sensibilidade para o universo da “outra”. Para nós, iniciadas, cabe revisitar cada momento vivido com a mestra como dádiva no processo de formação humanística.

Entre as memórias mais vívidas e recorrentes de suas alunas está a perspectiva de que, para a educadora Miriam Pillar Grossi, “tudo é pedagógico”, como sintetizou Elisete Schwade, atualmente professora titular de Antropologia da UFRN, que foi sua aluna e a sua primeira orientanda no mestrado em Antropologia social/UFSC. Em seu depoimento sobre a sua experiência aprendente com a docente, destacou:

No curso do PPGAS/UFSC "Antropologia da Mulher", ministrado por Miriam em 1990, lembro das primeiras indicações do compromisso com o ensino da antropologia com referência ao exercício dialógico e engajamento político. Vivenciava, então, o que foi um grande aprendizado da nossa convivência e hoje repito exaustivamente na minha interação com os estudantes, a saber: no processo de ensino-aprendizagem tudo é pedagógico. Na atuação de Miriam Grossi existem aspectos da relação ensino e antropologia que se singularizam. Talvez o exemplo mais significativo seja a articulação entre metodologias pós-construtivistas e a antropologia, por meio de atividades de uma equipe de antropólogas/os do NIGS no GEEMPA. Nesse projeto, em que a ênfase é *todos podem aprender* como forma de promover a alfabetização, o diálogo com a educação a partir da antropologia rendeu o uso das metodologias em diferentes atividades em cursos de formação continuada de educadoras/es e na universidade. Para Miriam Grossi, tudo na formação é relacionado ao ensino e aprendizagens. Na organização de congressos tem um viés pedagógico, com a aproximação de estudantes envolvidos com biografia de palestrantes participantes, a indicação da atenção a detalhes, a valorização do afeto e acolhimento. Assim, o diálogo teórico e metodológico da antropologia com práticas educativas, presente em diferentes atividades nas áreas temáticas de gênero, sexualidade, direitos humanos, se evidencia na experiência cotidiana. Afeto, acolhimento e incentivo permanente ao trabalho em equipes, grupos, redes, nacionais e internacionais. São as marcas da trajetória dessa antropóloga, pesquisadora dedicada ao ensino de antropologia contextualizado e politicamente engajado.

Esta abordagem pós-construtivista aplicada ao ensino de Antropologia, inovação de Miriam Pillar Grossi, foi, também, um importante aspecto destacado por Felipe Fernandes, atualmente professor adjunto do Departamento de Antropologia da UFBA, seu orientando no doutorado do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da UFSC e reiterado por Pâmela Laurentina Sampaio Reis, que foi

professora temporária na Universidade Federal do Piauí e atualmente doutoranda do PPGICH sob sua orientação. Para Felipe, a inovadora abordagem pós-construtivista associa-se ao legado materno de Miriam:

Filha da educadora Esther Pillar Grossi, mentora das teorias pós-construtivistas na educação, Miriam Pillar Grossi pode ser considerada a maior difusora dessas teorias nas Ciências Humanas e Sociais. Se por um lado a gênese do pós-construtivismo se deu nos campos da alfabetização e ensino de matemática, através da liderança de Miriam Pillar Grossi seus preceitos se difundiram na Antropologia, tendo envolvido a maioria de sua equipe de diferentes gerações no estudo e prática do pós-construtivismo na universidade e em projetos de extensão. Como estagiário docente na disciplina de Teoria Antropológica pude pela primeira vez implementar um projeto de ensino pós-construtivista em um componente pedagógico no ensino superior. (...) Reconhecida como grande orientadora e líder de equipes que realizaram extensas missões etnográficas no campo de gênero, sexualidades e direitos humanos, Miriam Pillar Grossi promoveu ao longo de toda a sua carreira a importância do trabalho coletivo e inter-geracional em antropologia, fortalecendo o diálogo interdisciplinar e o compromisso da antropologia com as futuras gerações, principalmente através da valorização da educação pública escolar. Além disso, egressos de suas equipes ocupam cadeiras em universidades em todo o Brasil e mundo, já que é muito valorizado o aprendizado de línguas e a internacionalização.

Já para Pâmela, a perspectiva pós-construtivista combinada à pedagogia antropológica feminista, se desdobra de maneira ímpar nas três dimensões do processo educativo:

A professora Miriam Pillar Grossi consegue articular com maestria as três dimensões fundamentais da educação: ensino, pesquisa e extensão. A docente não mede esforços para compartilhar metodologias que conectem as/os estudantes às reflexões teóricas. Para além disso, a referida docente a partir das suas práticas pós-construtivistas transforma a sala de aula em um espaço acolhedor e seguro. No campo da pesquisa, Miriam Pillar Grossi é uma exímia pesquisadora e compartilha a sua expertise com estudantes da graduação e pós-graduação em pé de igualdade. Há de se ressaltar, que ela ouve atentamente cada estudante, anota todos os detalhes e lembra de cada pessoa que a interpela. Adiciona-se a tudo isso os importantes projetos de extensão desenvolvidos na sua carreira. A professora Miriam Pillar Grossi estimula constantemente o aprofundamento no estudo de línguas e na

internacionalização. Aprendi e aprendo todos os dias com a professora Miriam Pillar Grossi o sentido da partilha e do trabalho coletivo. Trabalhar com essa professora é antes de tudo reconhecer a importância da ciência e das mulheres na ciência. É acreditar que é possível avançar e conquistar uma carreira profissional nesse país que desvaloriza o trabalho científico. Miriam Pillar Grossi, professora multissituada, propaga o ensino da Antropologia desde os rincões desse vasto país até as grandes cidades e metrópoles.

Por fim, mas igualmente central na inovação pedagógica de Miriam Pillar Grossi associado ao coletivismo, há que se mencionar a sua habilidade agregadora e o constante estímulo à construção de redes afetivo-científicas de produção de conhecimento espalhadas nacional e internacionalmente. Tal característica é destacada nos depoimentos de Mareli Graupe, professora da Universidade do Planalto Catarinense, que foi supervisionada por Miriam em seu estágio pós-doutoral no NIGS e por Tânia Welter, antropóloga fundadora do Instituto Egon Schaden, aluna de Miriam no mestrado e doutorado em Antropologia Social no PPGAS/UFSC. Mareli destaca que

a professora Miriam Grossi me acolheu no seu grupo de pesquisa “Núcleo de Identidades e Subjetividades de Gênero - NIGS -UFSC”, onde realizei pós-doutorado de 2011 a 2012. Aprendi nestes dois anos de pós-doutoramento com a professora Miriam Pillar Grossi a fazer pesquisa “coletivamente”, coordenar grupos de estudos para graduandas/os, realizar projetos de extensão nas escolas, organizar a forma burocrática e pedagógica do curso de aperfeiçoamento para professoras/es das escolas públicas de SC (o curso Gênero e Diversidade na Escola) e a escrever projetos de pesquisa para editais e agências de fomento. Em síntese, em apenas dois anos aprendi teorias e práticas - com essa grande autora, mulher, humana, acadêmica, teórica, feminista, engajada - que foram e são indispensáveis na minha atuação enquanto professora universitária. Miriam Pillar Grossi é uma referência na realização de trabalhos coletivos, intergeracional, interdisciplinar, intercultural e possui “redes ativas” de pesquisadoras/es egressas/os do NIGS em várias universidades do país e no exterior.

Já Tânia, especialista em Antropologia e Educação, revela que

Participar destas pesquisas coletivas e interdisciplinares, coordenadas pela professora Miriam, foi um divisor de águas na minha trajetória de pesquisadora e docente de Antropologia

e Educação. Acostumada a um formato mais individual de pesquisa e docência, no NIGS teve a oportunidade de integrar e aprender com uma equipe onde a produção coletiva sobre metodologias, teorias e dados empíricos era a prática recorrente. Atuou como pesquisadora da Rede NIGS desde então. Nela, teve oportunidades incríveis de participar de formações acadêmicas, de coordenar projetos, de atuar como docente na graduação e pós-graduação, de produzir teoricamente, de realizar trabalhos editoriais, de participar e organizar eventos com a professora Miriam. Ela passou a ser uma referência, uma mentora, uma companheira de trabalho que abre as portas, apoia, ensina e incentiva. Sua dedicação ao ensino, pesquisa e extensão, sua atuação em formações feministas e construção de conhecimentos em diálogo com redes, ONGs, movimentos sociais, espaços educacionais, sua contribuição para a criação de políticas públicas, são características marcantes de sua trajetória como professora de Antropologia.

Este mosaico afetivo das memórias aprendentes das alunas de Miriam Pillar Grossi nos dá uma pequena amostra do impacto do seu legado pedagógico antropológico feminista, materializado na longevidade do NIGS, na tessitura das tramas de uma potente rede científica transnacional e na reprodução de diferentes gerações de antropólogas e antropólogos sob sua formação.

### **Considerações finais**

Em publicação recente que celebra os 30 anos do NIGS/UFSC (GROSSI, SILVA e COSTA, 2022), temos acesso à amplitude do patrimônio pedagógico antropológico feminista desenvolvido por Miriam Pillar Grossi à frente do núcleo. As vozes e memórias de suas estudantes aqui sistematizadas somam-se tantas outras que corroboram a contribuição inigualável da antropóloga feminista educadora ao desenvolvimento e consolidação da Antropologia feminista e brasileira de modo geral, e em especial, de um modo particular de ensino de antropologia. As quinze experiências de nucleação espelhadas no modelo NIGS que são relatadas, associadas às análises sobre aquelas de interiorização e de internacionalização atestam o que foi recorrentemente apontado pelas alunas da professora antropóloga Miriam Pillar Grossi como a sua inovadora marca pedagógica: um modelo de ensinagem-aprendizagem baseado no

coletivismo, na experiência prática e na mobilização e elaboração dos afetos.

A trajetória de Miriam Pillar Grossi evidencia como que a militância, o rigor acadêmico e a prática pedagógica podem caminhar juntas de forma articulada, nós que escrevemos essa breve apresentação - e que somos colegas de trabalho da professora Miriam - também aprendemos continuamente com sua docência.

O reconhecimento da contribuição da antropóloga feminista educadora Miriam Pillar Grossi para o ensino de Antropologia no Brasil por meio da outorga do prêmio “Excelência no Ensino de Antropologia no Brasil”, concedido pela Associação Brasileira de Antropologia é, assim, uma justa homenagem ao seu legado para a Antropologia brasileira e para as novas gerações.

### **Referências Bibliográficas**

- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. 2012. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo e ALVES, Leonir Pesate (org.) Processo de ensinagem na universidade - pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Editora Univille. (10a. ed.). p.15-44.
- BONETTI, Alinne de Lima. 2022. O modo NIGS de saber-fazer Antropologia Feminista no sul do Brasil. In: GROSSI, Miriam Pillar; SILVA, Simone Lira e COSTA, Patrícia Rosalba Moura (orgs). Tecendo redes em Antropologia feminista e estudos de gênero [recurso eletrônico on-line]: 30 anos do NIGS UFSC 1. ed. - Florianópolis: Tribo da Ilha. p. 281-293.
- FERREIRA, Vinicius Kauê; REA, Caterina. 2012. De um país ao outro: passagem entre a França e o Brasil. Entrevista com Miriam Pillar Grossi. Passages de Paris, v. 7, p. 4-22.
- GROSSI, Miriam Pillar. 2004. A dor da Tese. Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis), Florianópolis, v. 6, n.1 e 2, p. 217-230.
- GROSSI, Miriam Pillar. 2014. Miriam Pillar Grossi (depoimento). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 45min).



- GROSSI, Miriam Pillar; SILVA, Simone Lira e COSTA, Patrícia Rosalba Moura (orgs). 2022. Tecendo redes em Antropologia feminista e estudos de gênero [recurso eletrônico on-line]: 30 anos do NIGS UFSC 1. ed. - Florianópolis: Tribo da Ilha. 355p.
- GROSSI, Miriam Pillar; GRAUPE, Mareli. 2014. Desafios no processo de implementação do curso gênero e diversidade na escola (GDE) no estado de Santa Catarina. POIÉSIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 8, p. 104-125.
- GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella, RIAL, Carmen (Org.). 2006. Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras. Blumenau: Nova Letra.
- PONCE, Hugo Herida. 2017. Entrevista a Miriam Grossi. Hachetetepé, v. 15, p 119-121
- RAMOS, Leonardo Miranda; GROSSI, Miriam Pillar. 2020. Subjetividades na Constituição de Redes de Resistência entre Professoras Egressas do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola em Santa Catarina. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 6, p. 207-228.
- LOSANO, Marie; GROSSI, Miriam Pillar. 2020. Analisando processos de formação de tutoria em questões de gênero e diversidade na escola nos cursos “Gênero e Diversidade na Escola” da UFSC. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 6, p. 181-206.
- WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam Pillar ; GRAUPE, Mareli (org.).2017. Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres.

Enviado: 09/09/2022

Aceito: 06/12/2022